

Giselda Laporta Nicoletis

# MAGAPAGARANA



editora scipione

**Giselda Laporta Nicoletis**

# **MACAPACARANA**



**27ª edição**  
**2019**



**editora scipione**

Copyright © Giselda Laporta Nicolelis, 1982.

*Direção Presidência:* Mario Ghio Júnior

*Direção de Conteúdo e Operações:* Wilson Troque

*Gerência editorial:* Cintia Sulzer

*Editora:* Sonia Junqueira

*Assistente editorial:* Henrique Félix e Barbara Piloto Sincerre

*Revisão:* Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.),

Rosângela Muricy (coord.), Célia Carvalho, Diego Carbone,

Gabriela M. Andrade e Hires Heglan

*Arte:* Daniela Amaral (ger.) Erika Tiemi Yamauchi (coord.)

e Nathalia Laia (edição de arte)

*Projeto gráfico:* Sérgio Fernando Luiz

*Capa e grafismos:* Nathalia Laia

*Preparação de texto:* Helena Bittencourt

*Diagramação e arte:* Zildo Braz

**Todos os direitos reservados por Editora Scipione S.A.**

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 | atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Nicolelis, Giselda Laporta, 1938–

Macapacarana / Giselda Laporta Nicolelis. – 27. ed. –  
São Paulo : Scipione, 2019.

ISBN: 978-85-474-0244-0

1. Literatura infantojuvenil. I. Título.

2019-0205

CDD-028.5

Júlia do Nascimento – Bibliotecária – CRB-8/010142

**2019**

ISBN 978-85-4740-244-0

CL: 742366

CAE: 654555

27ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:



## Em defesa da Amazônia

A história relatada em *Macapacarana* é, antes de tudo, o conhecimento de uma realidade brasileira a que bem poucos têm acesso.

Gerson Luiz, um adolescente de 16 anos, logo no início da história vê-se praticamente dividido entre dois mundos: um no qual vivia, São Paulo, e outro que mais tarde viria a conhecer, Macapá, para onde se mudaria com sua mãe, já que o pai dele trabalhava lá e necessitava do apoio da família.

Mudando de cidade, Gerson encontra um lugar novo, repleto de matas, de rios, de garimpos de ouro e de pessoas com quem estabelece novos vínculos de amizade e de solidariedade.

Contrariando a vontade do pai, Gerson resolve seguir seus estudos, tendo, porém, um objetivo maior como meta de vida: resolve ser médico para ajudar o povo desamparado que conheceu na Amazônia.

Embarque com Gerson e desvende com ele os mistérios da Amazônia!





I

**T**arde bonita de sol. Estava brincando com o Trampo e o Trambique, meus dois cachorros, quando a mãe chamou:

— Teu pai no telefone, Gerson!

Larguei o Trampo e o Trambique e fui falar com o pai, ligando lá de onde ele vivia, em Macapá. Pra mim era como se fosse do fim do mundo.

— Alô, alô, filho? — falou ele do outro lado.

— Oi, pai, você está bem?

— Mais ou menos, filho — disse ele. — Peguei uma maleita das boas. Fiquei uma semana no hospital.

— Coitado, por que você não larga esse serviço e volta pra São Paulo, pai? Eu não faço questão de ficar rico, não, sua saúde é mais importante...

— Tive uma ideia melhor — disse ele. — Tua mãe vai dizer; agora eu preciso desligar que ainda estou meio fraco, de vez em quando me bate a tremedeira...

— Tchau, pai.

— Tchau, filho.

— Coitado do pai — falei pra mãe. — Ele pegou maleita.

— Nós precisamos tomar uma decisão, meu filho — disse ela. — E acho que vai ser muito difícil, especialmente pra você...

— O quê, mãe?

— A gente vai ter de ir morar com seu pai lá em Macapá pra cuidar dele.

Foi então que o mundo inteiro caiu em cima de mim.

Minha nossa, que correria... os dias seguintes passaram tão rápido que quando dei por mim já era véspera da viagem. O pai não pôde vir buscar a gente, ia esperar lá no aeroporto de Macapá. A mãe, tratando da mudança, que ficou uma verdadeira fortuna. Pudera, quase um mês por estrada de rodagem até o Pará, depois pelo rio até o Amapá.

A casa vazia, apenas duas camas e as malas com roupas. Comendo de pensão, uma comida horrível. Tomando vacina contra febre amarela, que o pai cismou que vai me levar pro garimpo, “pra eu aprender a ser homem”. Pedindo transferência na escola, fazendo as provas do primeiro trimestre, despedindo dos amigos. Uma loucura. Sem falar na Yuri, a minha namorada, que eu paquerei durante um ano até ela dizer sim. Yuri, do cabelo preto caído nas costas e olhos verdes que se encheram de lágrimas quando eu contei que ia embora pra Macapá...

Dia da viagem. O Trampo e o Trambique num cesto especial, embarcados na carga do avião. A turma inteira no aeroporto, a diretora deu dispensa das aulas, e a Yuri vindo correndo me encontrar. Eu sem saber se banco o tal “homem” e não choro, ou abro o maior berreiro. Vence a emoção, me abraço à Yuri e choramos juntos, a turma em

volta enxugando o nariz, passando a mão nos olhos, fingindo que nem está aí...

Quando o avião subiu, me deu aquele desespero, chorei de novo. A aeromoça pôs a mão na minha cabeça:

— Tudo isso é medo, rapaz? Espera que eu te trago um calmante.

— Que medo, que calmante, pô. Eu tô é puto da vida. Uma vida de caixeiro-viajante, sem raiz nenhuma. Quando começo a me acostumar com um lugar, pronto, lá vem o pai com a conversinha dele, e eu e a mãe fazemos as malas e seguimos atrás. Isso é vida?

Nasci no Paraná, numa noite de temporal, na fazenda que o pai tinha por lá; quem serviu de parteira foi a Bá, que já havia criado a mãe e ajudou a me criar também e agora mora com a vó em Curitiba. O pai, pra variar, estava tentando a vida em Porto Alegre. Depois fomos todos morar em Curitiba. O pai abriu uma loja e não deu certo. Ele se mandou pra São Paulo. A mãe então me internou num colégio de freiras, acho que ela acompanhou o pai, nem me lembro mais.

Fiz o diabo no colégio. Tinha um castigo que era ficar virado pra parede e eu... vivia virado pra parede. Apanhava de varinha de marmelo das freiras, porque entrava na clausura delas, e ficava sem ver televisão porque chupava as frutas do pomar, sem ordem.

Bem em cima da minha cama, no dormitório, tinha um buracão no teto. Os colegas diziam que de lá saía lobisomem pra pegar moleque levado e eu varava noites acordado, olhando pro desgraçado do buraco. Que sufoco!

Eu também tinha uma pinta na mão, bem preta. Eles diziam:

— Se cair, você morre, cara!

Então, eu vivia segurando a pinta. — Pode?

Escala em Brasília. Só o tempo de abastecer o avião, comprar revistas, chocolate, a mãe sem saber o que fazer pra me agradar. De novo no ar, rumo a Belém, meu pen-

samento firme em São Paulo, lembrando da turma e do meu amor, a Yuri. Será que ela me espera? Em Macapá tem só até o segundo colegial, e estou no primeiro. Volto pra terminar o segundo grau e fazer a Faculdade. Me espera, Yuri, por favor, me espera, não me esquece, tá?

Belém do Pará, espera de seis horas. Tempo de comer um caruru, que eu adoro, tomar sorvete de cupuaçu, ver a baía de Guajará, os casarões da cidade velha, visitar o forte do Castelo e pagar promessa da mãe na igreja das Mercês, de onde sai o Círio de Nazaré na procissão famosa do segundo domingo de outubro; e, de quebra, pegar a chuva diária, que não falha.

De novo no avião, a terceira escala pra Macapá, tipo ponte aérea Rio-São Paulo. Só que estou indo para o faroeste brasileiro, sei lá, tô me sentindo meio perdidão numa ilha, apesar do Amapá ser continente, dizem. Vou lá conferir. Não é à toa que a Clarice (professora de História e Geografia e madrinha de formatura do primeiro grau, querida à beça) me botou o apelido de Robinson Crusoe do Amapá. Mais longe, impossível, só mesmo perdido numa ilha do Pacífico... e ainda me encomendou um tipo de diário, que ela quer fazer um livro sobre as minhas experiências no Norte.

A mãe puxa conversa:

— Tudo bem, Gerson?

Olho de viés, nem respondo. Tudo bem o quê, pô. Tô cheio de mudar, quero viver numa cidade só, ter amigos de verdade. Quando eu começo a fazer amigos... lá vamos nós. Depois reclamam que não sou bom aluno; pudera, mudando de escola como quem muda de camisa. Mudando de cidade, de amigo, de cachorro... Dessa vez o Trampo e o Trambique vieram junto porque a mãe é doída por eles, duas miniaturas, dois *pinscher* que são uma graça.